

CRITIQUA LIVRE

9
NOVEMBRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - A MARES

Inconcebível

O sorriso irónico que provoca o título deste escrito é, na primeira impressão, surto do descredito termo. De facto, parece que o inconcebível e o impossível desapareceram da face da terra para dar lugar a comentários de arrojo em substituição do marasmo que estes termos continham.

Pois é!

O pior é que desta feita a palavra acerta no nefando e diabólico plano gizado através de uma gloriosa viagem, cujo eco ainda ressoa por Portugal inteiro, refletida nas modernas Américas e por quase toda a orbe.

Se não, atentem.

Dos nossos camaradas, que em serviço profissional se deslocaram a Angola, acompanhando o Senhor Presidente da República na sua triunfal visita aquela província ultramarina, ouvimos a história aparente-

mente simples, mas cujo sentido pernicioso vem demonstrar que o terrorismo em toda a sua hediondez se pratica quer na frente quer na rectaguarda metropolitana.

Desses dois camaradas, cujos nomes estamos autorizados a revelar, mas nos abstemos de mencionar, um é solteiro e outro é casado. O primeiro vive com a Mãe, excelsa senhora de larga idade, e cujo amor se pode aquilatar, mormente quando um filho é o único.

O segundo, é casado e com dois filhos, é o esteio de uma vida feliz.

Ora, a célebre rectaguarda terrorista, informada convenientemente da vida de cada um dos camaradas, que em terras de África exerciam com aprumo a sua profissão, cuidou de gizar este maquiavélico plano.

(Continua na 4.ª página)

Túmulos em vez de cidades

A vida nas grandes cidades e os problemas criados pelo seu desenvolvimento são assunto de permanente interesse, nos dias de hoje. Conhecem-se os malefícios dos excessivos aglomerados populacionais, mas as soluções para esses casos são poucas e de difícil aplicação. Há, portanto, que estudar como deverão ser construídas as cidades de futuro, de modo a dar à existência humana um mínimo de condições de conforto.

Foi com essa intenção que o Governo do Estado de Guanabara convidou o famoso arquitecto grego Constantino Doxiadis a visitar o Rio de Janeiro, para uma troca de vistos sobre problemas urbanísticos da chamada "Cidade Maravilhosa".

Além de visitas e encontros com autoridades responsáveis, o arquitecto Doxiadis preferiu uma conferência no Museu de Arte Moderna. E começou por dizer que, na sua opinião, os homens estão construindo túmulos, em vez de cidades. Com o crescimento desregulado dos grandes centros urbanos, dentro de alguns anos vai ser impossível a locomoção e até a

própria vida nas maiores metrópoles do mundo.

Para os Governos e para os especialistas, a grande tarefa de hoje, na construção de futuras cidades, é ter planos e encontrar soluções para os problemas que surgirão com o crescimento e o excesso populacional.

Como exemplo citou a situação de diversas grandes cidades com gravíssimos problemas, sem possibilidades de uma imediata solução.

(Continua na 3.ª página)

A Profilaxia regenera e aperfeiçoa a Raça

O sabão, a água, o ar livre, o desdanso, o sono, a satisfação das necessidades vitais sem exageros e sem excitantes, são sem dúvida, factores de primeira importância na grande cruzada profiláctica do Homem inteligente e esclarecido contra o drama da doença.

E mencionamos inteligente e esclarecido porque é notório que o ignorante dificilmente se convence de que ela é na maioria dos casos, o principal coxeiro da sua própria desgraça.

FALANDO E QUE A GENTE SE ENTENDE

Não sabemos ainda os termos em que tem decorrido as conversações entre o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Franco Nogueira, e os representantes de alguns dos países africanos recentemente chegados à situação chamada de independência. Não saberemos também nem poderemos supô-lo, qual será o resultado efectivo dessas conversações. Bom será, no entanto, não termos esperanças excessivas. Quere-

mos dizer com isto: não devemos esperar mais do que por enquanto será possível. O facto de as conversações se terem realizado é, por si só, muito bom sinal. Falando é que a gente se entende — diz a sabedoria do povo. Pois estamos a falar — para ver se podemos começar a entender-nos. Eu creio que sim, que mais dia menos dia havemos de nos entender. Será o começo agora, com as conversas do ministro

Franco Nogueira? Talvez ainda não. Mas esperemos que alguma coisa fique.

A grande Imprensa internacional ri-se com frequência dos novos países africanos. Aponta-lhes as fraquezas, as deficiências, os atraços — e diverte-se à farta. Há duzentos anos, muito se riam as cortes da Europa dos correios do Tzar da Rússia, do primitivismo dos seus costumes e da sua falta de maneiras. Não foram precisos muitos séculos para cesarem os risos. A mesma Versalhes onde os cortesãos haviam troçado, entre dois pasos de galope e um duelo frívolo; a mesma Viena de Áustria, tão requintada e alegre; a mesma corte de S. James, convencional e ambiciosa — ouviram nos princípios da guerra de 1914 palavras de esperança no grande cilindro russo, na mole esmagadora da cavalaria cossaca. Convém lembrar que a Rússia grande potência não surgiu de repente nos nossos dias: provém de uma obra do progresso iniciada com Pedro o Grande — e em tal medida que já era um império poderosíssimo no tempo de Nicolau II. Explicando melhor, o regime soviético

(Continua na 4.ª página)

FALECEU O SR.

Padre João de Freitas

Pároco de Caldelas e escritor e arqueólogo conhecido

O concelho perdeu, ao acabar a última semana um dos seus mais ilustres homens. Faleceu o sr. Padre João de Freitas, pároco há 40 anos da freguesia de Caldelas, que tinha 76 anos de idade.

Escritor e arqueólogo de nomeada, sacerdote de reconhecidos méritos, o sr. Padre João de Freitas foi ainda figura dominante no concelho, quer pelo respeito que a sua figura digna impunha, quer porque nunca se desinteressou dos problemas que afectavam este torrão de entre Homem e Cávado por cujo progresso se bateu sempre.

Homem de coração, sensível ao sofrimento dos mais necessitados, toda a sua vida é um hino de dedicação e sacrifício em favor deles. Uma das mais simpáticas instituições concelhias deu-lhe

sempre os maiores serviços e trabalhos, deixando-a floriente e próspera para que a sociedade a continue, especialmente a gente bairrista de Caldelas.

Amava o seu povo, o povo simples, e fora sempre um desinteressado e um justo. Estas circunstâncias haviam de lhe trazer desgostos e so-

(Continua na 3.ª página)

Justa Homenagem ao sr.

Dr. José C. Cottá

que foi Delegado do I. N. T. P. em Braga

Encontrando-se já em Braga e completamente restabelecido da doença que o apouentou durante mais de um ano, o senhor Dr. José Coelho Cottá que neste Distrito de Braga exerceu as funções de Delegado do I. N. T. P., uma Comissão de Amigos de Sua Ex. resolveu promover uma festa de congratulação pelo seu restabelecimento e de homenagem pela obra excepcional que realizou em Braga durante o período em que, com inexcedível dedicação e entusiasmo, foi Delegado do I. N. T. P.

Vimos assim dar conhecimento da realização deste emblemático acto de justiça que — estamos certos — todo o Distrito vai prestar ao homem simples

e afável que para todos tinha uma palavra de conselho, de incitamento ou de consolação quando nada mais podia fazer, e ao magistrado que sempre procurou descobrir na letra o espírito da Lei, sempre julgou com um profundo e agudo conhecimento e sentido das realidades humanas e sociais do Distrito e em todos os que com ele puderam conquistou um admirador e um amigo.

A festa vai realizar-se em Guimarães no próximo dia 16, sábado, e terá um programa que oportunamente será anunciado. No entanto, para já, está assente que haverá um banquete de homenagem cuja inscrição se mantém aberta até

(Continua na 4.ª página)



TRIBUNA FEMININA

PORQUE É que os homens são assim?

Conhecem o Paulo? Digam conhecem porque além de ser um nome vulgar, encerra também um tipo de homem vulgar, daqueles que aparentam uma coisa e são às vezes muito mais (ou muito menos).

Isto que o diga a Angela Maria — uma rapariga simpática, sempre com o riso na boca, uns olhos gaiatos que correm de um lado para outro, sempre inquietos, como a fruir tudo o que de bom a vida encerra. Assim era ela, bonita, donairosa, vestindo sempre pela última moda, dançando o tropeiro «rock» ou o incrível «twist», fumando com ares de vedeta, de pestanas postiças e cabelo cor de palha... enfim, uma autêntica menina moderna na vulgar acepção do termo.

Não é um retrato muito lisonjeiro, mas ele parecia gostar dela assim, achando graça às suas extravagâncias, rindo-se das suas loucuras e fazendo coro com ela. Acompanhava-a para todo o lado, e não queria outro par nas danças que

também eram do seu gosto. Evidentemente, tudo isto teve o seu fim natural: o casamento.

Casaram, mas... se foram felizes foi apenas durante a tradicional viagem de núpcias. Depois tudo acabou; a realidade surgiu, bem clara... e a linda e alegre Angela Maria viu ruir à sua volta todos os castelos que construiria. É que só depois do casamento ela conheceu o verdadeiro Paulo, ou seja: aquele que se encontrava oculto pela capa da hipocrisia, das palavras bonitas mas ócas, das atitudes carinhosas porém falsas. Ele tornou-lhe a vida de cada dia, não numa rotina agradável, mas sim numa vida insípida e cheia de desencanto.

A Angela de outros tempos é, hoje, uma rapariga tristonha; perdeu toda a antiga vivacidade, toda a esfusiente alegria que a tornavam notada. O marido, esse continua a mesma vida de solteiro; o seu par nas danças é outro, ou melhor, procura variar com loiras,

morenas ou loiras, uma por semana ou por quinzena. E a Angela Maria tem, hoje, por única finalidade diária estar atenta ao serviço caseiro para que o marido, ao chegar do trabalho ou dos divertimentos, não tenha motivos para ralhar!

O que pensará agora aquela linda cabeça curvada ao peso do destino? Talvez o mesmo que eu: «Porque é que os homens são assim?...»

Culinária

PERDIZES COZIDAS

Põe-se as perdizes já cozidas numa caçarola com manteiga ou banha, e coaram-se. Depois, tiram-se da caçarola e, na mesma gordura, passam-se fatias de pão de trigo, sem côdea. Em seguida, tira-se o pão e metem-se de novo as perdizes com vinho branco, cebolas pequenas e um pouco de caldo de cozer as aves. Deixam-se estufar as perdizes neste líquido e servem-se depois sobre o pão.

PORQUE É que «elas» são assim?

O meu amigo Geraldo vivia com a primeira mulher e a sogra ali para os lados da Alfandega. Tinha uma pequena sapataria, a qual lhe daria para viver com decência se... se a mulher não tivesse um vício terrível.

Luzia gostava de se apresentar bem e, como o dinheiro não sobrava para luxos, ela, incitada pela mãe, pegava nas camisas e nos fatos do marido e ia dependurá-los! (Não sei se me entendem...) Depois, para a sua manobra não ser descoberta pelo marido, ia buscar as roupas levando alguns pares de sapatos em troca... E assim ia levando a vida, ficando agora a dever à padeira para logo lhe pagar com o dinheiro da leiteira...

Durante muito tempo, Geraldo ignorou este estado de coisas até que, tendo Luzia morrido num desastre, ele quis vestir o seu único fato preto e descobriu que o dito se encontrava empenhado!

Foi só puxar pelo fio da moeda, logo ela se desfez. Verificou então que grande parte das caixas de sapatos da sua pequena sapataria se encontravam vazias!

O prejuízo era inorme para o pequeno comerciante. O desgraçado teve, por sua vez, de contrair algumas dívidas para conseguir

aguentar-se e para reaver o seu fato preto... Um ano passou, entre dificuldades tremendas. Geraldo, que continuava com a sogra, estava decidido a conservar-se viúvo, pois ficara cheio com a primeira experiência... Porém, numa empregada que foi obrigado a meter, ele viu a mulher ideal que o ajudaria na sua vida de trabalho. Não se enganava. Mas quando quis casar foi o bom e o bonito! A sogra opôs-se; o genro, difamou a inocente moça e creio bem que os teria devorado se Geraldo a não ameaçasse com a polícia... Hoje, Geraldo vive bem. A segunda esposa não o desiludiu. As camisas, os fatos e os sapatos já não são dependurados...

Mas quando por vezes, recorda a sua vida passada, Geraldo cisma: «Porque são elas assim?...»

Monografia de entre Homem e Cávado

Concelho de Amares e Terras de Bouro

Acaba de ser editado o III Volume da Monografia de Amares e Terras de Bouro. Todas as pessoas interessadas podem desde já requisitá-las



CONHECE O JORNAL FEMININO?

É uma revista moderna, que inclui nas suas páginas todos os assuntos que interessam à mulher:

**MODA — CONTOS — HORÓSCOPO
REPORTAGENS — CINEMA — ETC., ETC.**

O JORNAL FEMININO?

POIS CLARO!

É a revista feminina que os homens gostam de ler?

Redacção, Administração e Publicidade
Rua de D. João IV, 904

PORTO

TRIBUNA do Concelho

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Nos últimos dias desta semana vão celebrar-se dois casamentos. São os dos Senhores Abel José Ferreira com Otilia da Conceição Lopes de Azevedo e de Albino Macedo Dias com Carolina Ferreira de Sousa, filhos, respectivamente, de Custódio José Ferreira e Teresa Teixeira, Joaquim Francisco de Azevedo e Narcisa Rosa Lopes, todos de Lago, e António José Dias e Maria da Conceição Macedo, de Rendufe, e António de Sousa e Maria Ferreira; de Lago.

Capela de Santa Marta

Disse-vos que à velha capela de Santa Marta, sita no lugar e quinta do mesmo nome, se vendia, tendo sido ouvido para isso quem de direito. Até à data ninguém apareceu. Claro que para tal acto seria preciso requerimento, devidamente despachado pelo Prelado da Diocese. Não se fez ainda por-

Túmulos

em vez de cidades

Continuação da 1.ª página

ção. Em Los Angeles, só 30 por cento do espaço pertence aos peões. O restante é domínio dos automóveis — das máquinas. Apenas cresceu dez vezes desde 1800, o que deu origem ao aparecimento de dificuldades urbanísticas de quase impossível solução. E isso porque não houve planos, não existiu a previsão do futuro.

Na opinião de Constantino Doxiadis, a cidade de futuro será não sómente traçada pelo arquitecto e construída pelo engenheiro, mas deverá exigir também a colaboração do sociólogo, do administrador, do economista, do geógrafo, do estudioso da ciência política e de outros técnicos. É o que ele chama a equística ou ciência dos grupos modernos. Foi dentro desses princípios que se estudou a construção da cidade de Islamabad, a nova capital do Paquistão. Há que reunir conceitos artísticos, científicos e sociais em plano de conjunto, de modo a estabelecer perfeita ligação do homem com o meio.

O famoso arquitecto, urbanista, engenheiro e paisagista grego disse, por fim, que é preciso construir o mundo do homem, com todas as condições de vida confortável e digna, não o seu túmulo. Ora para isso é necessário que todos os problemas sejam previstos na construção das cidades de futuro. ANI

Salão Paroquial

Alguns cavalheiros a quem a construção do salão paroquial não agradava falam agora no assunto, lembrando o cortejo... Este rendeu onze contos. Mas, que dava isto para fazer um salão? A verdade porém é que não foi possível conseguir o terreno. Neste caso, nem com pouco nem com muito diaheiro, pois que a obra não se pode fazer em cima da cabeça... Nestas condições o Pároco gastou em obras, no passal e na residência paroquial, os ditos onze contos, mais outros doze contos adicionados aos onze. Portanto o Pároco não guardou o dinheiro para si. Gastou-o em obras paroquiais. Mas, se os saudosos do salão quiserem arranjar terreno junto da igreja, ficar-lhe-emos muito gratos e o salão far-se-á, com ajuda de Deus e de todos os de boa vontade.

Vosso J. Moreira

Falecimento

Adelaide de Barros (Roibas)

Prozelo — Na sua residência, faleceu com 85 anos a sra. D. Adelaide de Barros, velhona dotada de bons sentimentos deixa entre nós uma vaga de saudade.

Era mãe das senhoras: Alzira, Maria e Rufina Barros e dos senhores João e Arnaldo de Barros.

Deixa também muitos netos. Ficou sepultada no cemitério paroquial.

Vida elegante

ANIVERSÁRIO

No passado dia 26, de Outubro, completou mais um aniversário natalício a gentil menina Maria Alice de Macedo Martins, extremosa filha do nosso particular amigo e assinante deste semanário, Snr. José Manuel Martins, proprietário e comerciante nesta Vila.

Tribuna Livre deseja-lhe muitas felicidades e faz votos que esta data se prolongue por muitos anos na companhia de seus pais e mais família.

Passa no próximo dia 11 do corrente, mais um aniversário a gentil menina Izaltina Araújo de Andrade, filha muito querida do nosso assinante, Snr. Cândido de Andrade e da Snr. D. Cidália de Araújo Andrade, proprietários, na vizinha freguesia de Portela.

Tribuna Livre, felicita a gentil aniversariante e faz votos que esta data se repita por muitos anos.

António da Silva

Passa hoje, dia 9, o seu aniversário natalício o sr. António da Silva, ausente com sua família em Lisboa.

Ausentando-se para a capital com a sua família, a sorte tem-no bafejado vivendo feliz e largamente.

Por tão faustosa data seus filhos, genros e demais família desejam-lhe muitas felicidades e que este dia se repita por muitos anos.

Tribuna Livre que sempre se rigosija com os êxitos dos Feiranovenses ausentes deseja ao sr. António da Silva e Ex. a sua família muitas felicidades.

MORTE HORROROSA

Felisberto Vieira da Cunha

No sábado findo, faleceu na freguesia de Ferreiros, o menino Felisberto Vieira da Cunha, de 12 anos, filho de Francisco Vieira da Cunha e de Ana de Jesus Vieira.

Tal falecimento deve-se a um acidente dado na azenha do pai da criança, por imperícia do menor, que sendo apanhado pela roda do engenho teve morte imediata.

Tal facto causou em toda a freguesia a maior consternação e aos pais um desgosto profundo, por inesperado e brutal.

O funeral, realizado na passada segunda-feira teve a presença de todos os alunos das

Faleceu o Sr. Padre João de Freitas

(Continuação da 1.ª Página)

frimentos que soube encarar com resignação e espírito elevado. Em momento crítico havia de erguer a sua voz para que não faltasse o pão àqueles que o Senhor lhe confiou. Conscientemente deturpadas as intenções caria sobre si a vingança e a incompreensão. O seu gesto não poderia ser compreendido.

Tudo suportou com resignação cristã, mesmo quando viu o pão dos infelizes dado aos fartos ou aumentando o caudal das cangongas. O seu espírito de bondade completava o homem de pensamento e de ação que sendo dirigente, escritor, arqueólogo, etc., puzera sempre em primeiro lugar a sua condição de sacerdote inteiramente dado ao seu munus.

Foram muitos os seus esforços para dirar a Caldelas do marasmo em que quase sempre viveu. Além de outras obras que muito engrandeceram as Termas, na sua qualidade de presidente da Junta de Turismo, foi o primeiro a compreender que o ponto de partida era conseguir o abastecimento de águas a Vila. O seu trabalho e o seu prestígio em breve haviam de conseguir a participação do Estado. Esta, porém, haveria de perder-se por não mais ser iniciada, pois que na fase em que o deveria ser a Junta deixou de ser a entidade realizadora e, que tal encargo assumiu, haveria de deixar passar todos os prazos. Era o tempo em que as obras se não faziam evitavam-se, ou, até impediam-se.

Os olhos fundos da sua máscara de morte abrigam os desgostos profundos que tanto se semeiam no nosso meio, porém, o seu rosto aberto indicam à sociedade consciente como vale, afinal, a conduta digna e elevada dos que como ele, sem um desvio da rectidão se conduzem a bem merecer de todos e se vão de «lei da morte libertando».

A freguesia de Caldelas festejou, há pouco mais de um ano, as suas bodas de ouro sacerdotais. Foi o momento de glorificação da sua carreira. Figura de relevo viu em volta de si as entidades mais representativas e graduadas do Distrito, desde o repre-

escolas masculina e feminina da freguesia, em número de cerca duas centenas, com a presença dos respectivos professores, atendendo que o falecido era aluno da 4.ª classe. Este gesto de civismo deu origem aos melhores encómios.

À família os nossos sentimentos.

sentante do Senhor Arcebispo Primaz, Prelado que o tinha em elevada consideração e lhe dirigiu enternecida mensagem, até às figuras de maior relevo da hierarquia religiosa, presidentes da Câmara, autoridades civis e religiosas, etc.

Dedicado à arqueologia fizeram muitas as descobertas feitas de objectos valiosos. Uma parte havia-os oferecido ao Museu do Seminário Arquidiocesano, a outra conservava-os na sua residência sendo sua vontade oferecer os para uma casa museu a instituir no Concelho. Se a esta parte não foi dado destino pena é que as nossas autoridades não façam algo para adquirir esses valiosos objectos.

Daqui apresentamos as nossas condolências à família enlutada e, com igual razão, à freguesia que tanto serviu.

Câmara Municipal de

AMARES

SECRETARIA

EDITAL

— Carlos Joaquim Rebelo da Silva Malheiro, presidente da Câmara Municipal do Concelho de Amares:

— Faço público, nos termos do § 1.º do Art.º 258.º do Código Administrativo, que, por meio deste e outros de igual teor, Ficam convocados todos os vogais efectivos das Juntas de Freguesia, deste concelho, eleitos para o quadriénio de 1964-1967, para comparecerem no dia 15 de Novembro corrente, pelas NOVE HORAS na Sala das Reuniões das respectivas Juntas de Freguesia a fim de tomarem parte nas operações de verificação de poderes e da eleição do presidente, secretário e tesoureiro das novas Juntas de Freguesia.

— E para constar se lavrou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais públicos do costume.

— E eu, José Alves Coelho de Azevedo, Chefe da Secretaria o subscrevi.

— Paços do Concelho de Amares, 5 de Novembro de 1963.

O Presidente da Câmara Carlos Joaquim Rebelo da Silva Malheiro

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desejos mais simples e luxuosos.

FALANDO

é que a gente se entende

(Continuação da 1.ª página)

não fez do nada uma grande nação; continuou uma obra que vinha em curso. Não foi sem razão que o defunto José Estaline prestou justiça ou deixou prestar justiça a Pedro o Grande e a alguns dos seus imperiais sucessores, apesar do título omnínoso das suas funções. É curioso notar a este respeito que o título oficial era *Tzar e Autócrata de todas as Rússias*, mas o nome pela qual o povo designava o imperador era o *Pai-zinho*.

Pois dizíamos que os novos países africanos servem de gáudio a alguns cortezaos da Imprensa internacional. É certo que faltam a alguns desses países consciência nacional, nível geral de mentalidade cívica, «élites» suficientes, condições económicas que lhes permitam verdadeira autonomia. Como é certo que alguns foram empurados, menos por um movimento geral que se apregoa para disfarçar outras razões, do que pela ambição de novos poderes políticos e económicos, estranhos ao continente e ávidos de matérias primas e de espaço para a sua expansão mercantil. Admitamos que nem todos tenham reparado ainda nas verdadeiras forças que os impeliram e que hão-de pretender dominá-los. Mas de alguns sabemos que já estão bem cientes do que efectivamente pretendem certos amigos que mandam *armas* que mandam *técnicos* — centenas de técnicos; que prometem *dinheiro*, que se instalaram em numerosas, caras e complicadas embaixadas. Tão perfeitamente cientes, que já reagiram contra essas furturas orientais. De resto, devemos dizer-lhe, os russos que, por vezes se mostram extremamente argutos na inteligência das circunstâncias e nos métodos de ação, outras vezes descobrem-se, revelam-se brutalmente tal e qual são e afastam logo todas as possibilidades de ilusão. Entre os novos países africanos há desiludidos da Rússia.

Com o andar dos tempos — o tempo corre a nosso favor — outras ilusões hão-de cair. É natural que os países da África negra — a que vive entre o paralelo meridional do Sara e as fronteiras da União Sul-Africana — acabam por entender que, constituindo entre si agregados diferentes na etnia, na língua, nos costumes e nos interesses, são campos tentadores para a expansão dos vizinhos especialmente os do Norte, que representam o inimigo tradicional. Quer isto dizer: os povos da África Negra, ou

seja da África Central, de que nós fazemos parte, hão-de acabar por se entender e procurar estabelecer entre si relações de eficiente amizade.

As confusões que a princípio se estabeleceram (a princípio quer dizer: no princípio desta campanha intensa dos colonialistas contra a África Negra) as confusões devem já estar a desfazer-se em muitos espíritos. Começa a compreender-se que os portugueses são um caso à parte. Importa não os confundir com os imperialistas não africanos — europeus e outros — que foram um dia à exploração económica da África. Os portugueses partiram efectivamente da Europa, para serem alguma coisa mais que europeus. Houve tempos em que esse destino era marcado com o desdém do homem loiro. Fossem consequentes e haveriam de reconhecer-nos agora, como qualidade aquilo que outrora nos apontavam como de feito. Vamos dar um exemplo:

Quando o Chefe do Estado passou há pouco em Nova Lisboa, um velho reformado dos caminhos de ferro de Benguela, o sr. Alberto Deyllot, quis oferecer-lhe um quadro com uma fotografia. Representa esta um grupo de oito homens com a farda e o boné de funcionários dos caminhos de ferro. Por conselho de alguém, o quadro foi oferecido com a legenda que já tinha, expressiva legenda, em que se marca a época da fotografia: — 1910.

Ora bem: que tem esta fotografia de especial? Nada. Para os retratos ainda vivos, e para as famílias, é uma recordação — e uma saudade. Agora, para nós... Para nós é uma prova, que podemos mostrar aos idealistas da última hora, para eles verem como nós somos desde sempre. Dos oito retratados, dois são pretos: o factor Pedreira, que está sentado, e o telefonista Dias dos Santos, que está de pé, no meio, entre dois brancos. E a fotografia é de 1910, ainda do tempo da Monarquia. Nós éramos assim. Nós somos assim. E lembremo-nos de que pouco tempo antes a Imprensa de certos países, que nos chamam hoje colonialistas, agoniava-se toda porque El-Rei D. Carlos sentava à sua mesa o médico da Real Câmara, o dr. Carlos Tavares, que era preto.

Voltemos, porém, ao caso dos novos países africanos. Há-de vir o dia em que eles entendam que nós somos um país africano, como eles são, só com a diferença de que somos mais velhos na nossa liberdade, no sentido de de-

Inconcebível

(Continuação da 1.ª página)

Quatro dias depois da sua chegada a Luanda começaram os jornalistas a enviar aos seus diários as crónicas que todos lemos e que, naturalmente, os jornais foram publicando em cadêncio.

Os inerjúmenos, ao quinto dia da chegada a Angola dos jornalistas telefonaram como se estivessem na redacção dos respectivos dois diários, procurando saber notícias, junto da família dos seus funcionários.

Calcule-se a aflição, a tensão nervosa que pairou naqueles dois lares até receberem as consoladoras notícias dos entes queridos.

Este terrorismo psicológico, fundamentado à retaguarda, consegue impor a sua feição catastrófica por meios hediondos, nefandos e torpes, vitimando — sabe-se lá — centenas de pessoas, uma vez que, como já se tem noticiado, outros aparecem a famílias de militares dando conta de mortes que não existem, nem nunca existiram.

Mas isso, é para outra crónica.

O que aí fica, serve para afirmar: Inconcebível!

A profilaxia regenera e aperfeiçoa a Raça

(Continuação da 1.ª página)

Muita gente inteligente que ignora que a higiene e a profilaxia valem muito mais, como elementos defensores da grande riqueza da saúde, do que os mais apregoados elixires salvadores.

Evitar o enfraquecimento súbito ou paulatina do organismo é evidente medida de sabedoria.

Ora o exagero, o excitante, o desregramento, os excessos e sobretudo a falta de higiene moral e física são os principais elementos corrosivos da saúde e, portanto, os maiores inimigos da raça.

mocracia racial, no desejo de um progresso que não há-de estar apenas nas realizações materiais, mas principalmente no espírito de fraternidade, que tem sido a nossa constante, apesar das dificuldades que outros nos levaram e dos períodos de desorientação em que os ventos maléficos precipitam às vezes os homens.

Bom é que nós, os da África Negra — porque nós não somos apenas celtíberos e suevo-góticos, somos também quiôcos e bailundos, cuanhamas e macuas — bom é que nós, os da África Negra, começemos a conversar uns cons os outros. Os nossos inimigos são comuns. Temos de principiar a entender-nos. Não será ainda desta vez? Não importa. Demos tempo ao tempo e saibamos aguentar-nos — que o tempo nos salvará. ANI

TERRAS DO BOURO

NO ESPÍRITO DE

Manuel Augusto B. Marques

(Continuação da 5.ª página)

1.º — Tudo dentro de um novo Plano, com larga e sólida visão no Futuro, deve estudar-se, cuidadosa e convenientemente, o lugar para o Campo da Feira — cortando, alargando, planeando, arborizando, destruindo e arrazando os tais montículos... sem dô nem piedade;

2.º — Expansão rápida da Feira do Gado, principalmente do bovino, — que é uma das maiores e principais riquezas agrícolas da Nossa Região.

Essa expansão realizar-se-á da seguinte maneira: — Instituindo em Terras do Bouro, uma Associação Mútua de proteção, amparo e desenvolvimento animal, com Estatutos cuidadosamente estudados, elaborados e aprovados superiormente, em face dos quais cada sócio pagaria x quota por cada animal, de cuja Associação ficaria a receber, na devida oportunidade, que necessário fosse, toda a assistência veterinária precisa, ficando ainda a salvo, pela Associação toda ou qualquer desgraça ou epidemia, que por ventura viesse a acontecer, pondo logo essa Associação em pé o valor do animal afectado ou abatido: — quer as carnes se possam aproveitar para consumo quer se tenham que destruir.

A Câmara Municipal, e mesmo o Estado, por intermédio do respectivo Ministério da Economia, prestariam a sua quota-parte auxiliadora, e então contratar-se-ia um Veterinário com jeito, zeloso, competente, trabalhador, interessado, e... também com o seu manifesto dom de simpatia, que passaria a ser também gratificado pela Associação. E assim caminhariamos, a passos gigantescos, e sempre de mãos dadas, pela sólida estada do progresso e do interesse da nossa Terra.

Depois... e tudo sempre com o fim em vista no levantamento e engrandecimento de Terras do Bouro, e da nossa atractiva Feira de Covas, cada sócio seria obrigado, segundo os preceitos exarados nos Estatutos, a apresentar na Feira de Covas, uma vez por mês, por exemplo, o seu gado a coberto pela Associação, para ser visto e inspecionado pelo respectivo Veterinário, em lugar reservado (na Feira) ao gado dos associados — eis aqui o maior estímulo, um verdadeiro íman, que muita havia de dignificar os nossos humildes proprietários, e seria, ao mesmo tempo, uma alavanca segura e expansiva para a fazer da nossa Feira de Covas a maior, a mais procurada e concorrida Feira do nosso exuberante Minho, como aliás já fora em tempos passados.

Quanto ao funcionamento

da Associação, — fique desde já muito claramente definido — tem que funcionar sobre toda a honestidade e responsabilidade, dirigida por corpos gerentes (distintos e entendidos lavradores), isentos de qualquer remuneração — não fôssemos nós cair no grave erro ou correr para a criação de mais um organismo para acabar de desgraçar a pobre Lavoura, sugando-lhe as últimas gotas do seu preciosíssimo sangue, para alimento de uns tantos parasitas, como já há de sobra...

Hoje o nosso Lavrador desconfia de tudo e de todos...

E alguém achará que ele não tem sobejas razões!..

Pois então é preciso, com toda a precaução e prudência, pôr as coisas sólidamente em ordem, interesse e dedicação, tendo sempre em vista o Bem comum da nossa Terra. Por aqui abriremos o caminho a novos e florescentes horizontes e ao progresso de Terras do Bouro, e daremos um grande passo em frente.

E creio ter apresentado embora muito superficialmente, o que se passa em meu espírito, e o que se deve fazer para bem da comunidade geral do nosso Concelho.

Eu nunca me censarei de afirmar, com toda a sinceridade e lealdade da minha alma, que nunca foi minha intenção ofender ou melindrar qualquer pessoa; mas também devo confessar, com a mesma sinceridade e lealdade, que o meu temperamento de Católico e Nacionalista fervoroso e praticante, nunca consentirá que eu concorde com a continuação do atraço e abandono em que estamos a viver... — *nenhuma outra região do nosso País tem avançado tanto... na vanguarda do retrocesso... como Terras do Bouro!!!*

Manuel A. B. Marques

Justa homenagem ao sr.

Dr. José C. Cotta

que foi Delegado do I.N.T.P.
em Braga

(Continuação da 1.ª página)

ao dia 13 do corrente mês nos locais abaixo designados:

Guimarães: Casa das Gravatas e Casa Jaime; Braga: Livraria Pax, Livraria Cruz e Café «Nova Brasileira»; Famalicão: Café-Restaurante «Pica-Pau»; Barcelos: Snak-Bar «Galo Negro»; Fafe: Fernando Leite & C.º; Espozende: Pastelaria Nélia e Celorico de Basto: Escritórios das Caves do Campo.

Terras do Bouro

por— M. A. B. M.

Covas e o Gerês, terão que ser sempre consideradas a Alma de Terras do Bouro. E, como em primeiro plano, devemos colocar sempre todo o cuidado, interesse e veneração a depender com a limpeza da alma, importa então limpar e cuidar, com esmero, interesse e religiosidade urgente, da Alma de Terras do Bouro. Ora todos nós sabemos muitíssimo bem e com toda a clareza que, tanto a alma como o Corpo de Terras do Bouro—no seu mísero estado geral, na sua apresentação pública—andam bastante emaranhados a causar ao público inumeráveis cheiros nau-seabundos...

E se esse lamentável e deplorável estado geral do nosso Conselho causa assim tanta repugnância ao excursista forasteiro que nos visita, quanta mais repugnância não deve causar aos Filhos desta Terra (se eles não são degenerados) que foi o sagrado berço onde dormimos os primeiros sonos da nossa despreocupada e feliz infância? — e prouvera a Deus que seja ela também a conceder-nos a morada eterna.

Porque amamos a nossa Terra, com acrisolado carinho e impoluta dedicação, estávamos integralmente convencidos de que seria luminoso e oportuno o presente momento para se dar início a uma vida nova, inspirada e fortalecida na paz e harmonia dos espíritos puros e crentes:—puros nos ideais e difusões de seus credos religiosos, políticos e nacionalistas; crentes e esparrancosos na realização das suas almejadas e lídimas ambições bairristas, dos seus legítimos interesses, do progresso comunitário e geral da sua Região. Mas... a verdade é que, mais uma vez, verifica-se que o dedo da Divina Providência falhou...—a discordia é acção predominante, os ânimos recomeçam a excitarse, os Homens da elite terrasbuenense sentem-se deprimidos, a confusão alastrá, e extensíssimo é já o número dos descrentes... A viola tem as cordas muito enferrujadas e está totalmente desafinada...

A única e eficaz esperança que nos pode restar está evidentemente em quebrá-las, substitui-las e depositar a viola nas mãos do mestre que, embora não compreenda a música, tenha perfeito ouvido gosto e geito, e saiba afinar e colocar harmôniosamente o instrumento, fazendo-o vibrar sons e melodias deliciosas, capazes de fazer atraer a si todos os espíritos crentes e descrentes, numa perfeita, completa e familiar harmonia.

Não faz sentido, não é humano, não é bairrista e não é patriota todo aquele que volta as costas à sua Terra e a entrega ao desprezo e, com el, o seu Povo, só pelo facto de não se querer ralar com o

interesse e progresso comum ou então para dar cumprimento à manifesta pertinácia com que o berço dota alguns homens, e só a campa espera destruir — como se isto de verdadeira Vida Humana não fosse, afinal um preclaro conjunto de interesses comuns a todos os Homens, que devem converger, ininterruptamente, e sólidamente para um único interesse:— o interesse geral da Região.

Esse interesse comum expõe e obriga o Homem a grandes precauções e responsabilidades. E essas precauções e responsabilidades aumentam, em cada Homem, conforme o lugar que cada um ocupa e segundo o grau de cultura que cada um possue. E esse grau de cultura é sempre um dom sagrada que Deus concede aos Homens e, segundo as evangélicas e infalíveis palavras do Divino Mestre, cada Homem terá que responder e dar rigorosas contas dos talentos que Deus lhe confiou. Logo, perante os Homens, perante Deus, somos obrigados a respeitar e a dar lídimo testemunho dos nossos talentos, empregando-os o mais lucrativamente possível, esforçando-nos por remediar males, auxiliando o próximo e concorrendo para o bem de toda a comunidade. Só assim nos poderemos dignificar e superiorizar perante Deus e perante os Homens.

A grandeza dos Homens tem o seu apogeu e a sua forma culminante na realização dos seus actos e factos—actos e factos públicos, porque os da sua vida particular pouco ou quase nenhum valor poderão representar perante a Sociedade.

Ora conta-se que, nos tempos pré-históricos, a toupeira, imprudentemente, trocara os olhos pelo rabo...

Seria isso uma realidade?... — Evidentemente que não. Verifica-se que este adágio sómente poderá vir a propósito, sempre e no decorrer dos séculos, de que nós muitas vezes nos atrevemos, incautos e precipitados, a trocar o Bem pelo mal, o Certo pelo duvidoso. E, quando esse gravíssimo erro se comete ou verifica, o mundo exterior fica a apontar-nos, a tirar-se de nós e a inferiorizar a nossa personalidade. E é assim que os Homens, muitas vezes, chegam a ser autênticas toupeiras, no meio da Sociedade!!!

Manuel Augusto B. Marques

Terras do Bouro no espírito de

Manuel A. Barreto Marques

G Conquistador Afonso Henriques, como o seu cognome muito claramente designa, empregou todos os seus esforços e preclaras actividades guerreiras e políticas, daquele tempo, na perseguição e conquista aos infieis sarracenos, dilatando a Pátria-Lusa, expandindo com perspicácia e ardentes de-

voção o Reino de Cristo, sob a salutar e auspíciosas protecções da Imaculada Conceição que ele muito venerável e acertadamente soubera escolher e eleger Rainha duma Pátria que nascia e crescia calorosamente acalentada pelas bênçãos e sob as directrizes das Divinas Forças do sobrenatural Cristianismo.

Para Portugal, data de Afonso Henriques a áurea designação de Santa Maria—an-
cestral designação, na sua origem; mas sempre actualizada, florescente e radiante, na alma dos genuinamente Portugueses, Seus filhos consagrados.

Todas as terras conquistadas, da primitiva Lusitânia, à medida que iam sendo tomadas aos moiros, pelos belicosos e invencíveis guerreiros afonsinos, iam ficando despo-
voadas, desertas, abandonadas porque os válidos Lusitanos, daquele tempo, eram bem poucos para gloriosamente enfrentarem os ataques e as assédias lutas empreendidas no dia a dia das inúmeras conquistas.

Por essa razão, foi talvez que o Povoador D. Sancho I, abandonou, logo no princípio do seu reinado, a ideia de continuar com o grande empreendimento das conquistas, para se dedicar então, com toda a assiduidade, ao povoamento das terras conquistadas por seu Pai, mandando imigrar colonos, criando povoações, vilas e aldeias.

Nesse tempo os Povos viviam relativamente quase entregues ao abandono, sem meios de transportes, comunicações e ligações (assim... assim... numa situação pouco mais atrasada e desprezada do que a actual situação em que vivem os nossos humildes e laboriosos Povos de Terras do Bouro...).

Porém, no espírito daquele Monarca, o Povoador, surgiu, logo no início do seu reinado, a surpreendente e feliz ideia de conceder regalias valiosas e adequados aos meios rurais, como que para recompensar e estimular os Povos no prosseguimento e desenvolvimento da cultura agrícola nacional—naquele tempo os Povos viviam exclusivamente da caça, da pesca e da cultura do trigo e do centeio.

Entre essas regalias ocupa lugar de primazia, elevado mérito e destaque as Feiras. Em face desta verdade, logo chegamos à conclusão e clara compreensão de que as Feiras nunca foram instituídas por mera curiosidade ou capricho dos Povos ou seus administradores, mas sim, dignas e valiosas concessões dos Reis, como merecido prémio e satisfação duma necessidade rural, para nelas se transacionarem os preciosos produtos duma região, e proceder ao abastecimento de artigos para ali

conduzidos pelos agricultores e feirantes, que à feira se deslocavam (e ainda hoje se deslocam), de longínquas distâncias, com o fim de compra e venda.

Tem-se verificado, no decorrer dos tempos, que as Feiras são mercados seculares e tradicionais, merecedores da estima, amparo e protecção de quem manda e governa — das Câmaras Municipais. Logo, a evolução progressiva ou retrogressiva duma Feira dependeu sempre do interesse e da boa ou má vontade com que elas têm sido, e continuam a ser, concebidas na mentalidade das Autoridades locais:

Impõe-se o dever de que a Merceologia geral do nosso Concelho ocupe um dos primeiros lugares de dedicação e interesse no espírito das respectivas Autoridades, e os Feirantes sejam tratados e recebidos com atractivo carinho. E, se no espírito da Câmara Municipal, uma Feira tiver reservado um lugar de condição projecção, apreço e interesse, essa Feira desenvolver-se-á indiscutivelmente, como... o leite ao lume; mas, pelo contrário, quando a Câmara Municipal labora com inércia e desinteresse, e só dá demonstrações de ter em vista, principalmente, a exploração dos lugares disponíveis para os tendeiros, e espremer, até à última gota, os respectivos impostos, então essa Feira, irremediavelmente, paralisa e segue os caminhos de fatal desaparecimento — e isso só pode representar um grave erro administrativo.

Pois bem, meus Caros Amigos e leitores da Tribuna Livre: a nossa secular e muito útil Feira de Covas, tão velhinha como a Nacionidade Portuguesa, não pode paralizar e, muito especialmente, não pode desaparecer... — ela representa uma das relíquias mais antigas e de primacial valor para a nossa Região, para Terras do Bouro.

Em face das razões apresentadas, puras e claras, importa sómente, empregar todos os esforços e todos os interesses para levantá-la, aumentá-la, situá-la definitivamente e... carinhosamente, dedicar-lhe todo o necessário auxílio e protecção — mãos à Obra, não há tempo a perder...

Ora como em nosso espírito bairrista continua a prevalecer e anda assanhada a ideia de reconstrução, alargamento e ampliação da Sede do nosso Concelho, a qual deve obedecer a minucioso — mas urgente — projecto e execução geral, cujas linhas principais é necessário ir esboçando (e aqui, nas colunas da Tribuna Livre, hão-de ficar esboçados, com todo o cuidado, interesse e perfeição), vamos então, sem demora, começar pela dita Feira:

(Continua na 5.ª página)

Em Caires

Vende-se uma Quinta

Lugar do Paço, antiga Quinta da Eira

Com casa reconstruída; 5 divisões, casa de banho, Adega, lagar, seleiro, luz eléctrica, água; terra de cultivo, laranjal com 150 laranjeiras e outras árvores de fruta azeite para 2 anos por:

300 contos

Sujeito a oferta e respectiva mobília e vasilhame

Ver local indicado e tratar em Lisboa
com Lourenço Batista, Mayer Bar

Telefone 368893—Lisboa



FUNDADA EM 1835

**COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS**

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

DESPORTOS

F. C. AMARES, 4-HICA (Pisões), 2

Chuva e lamaçal adversários terríveis dos visitantes

Realizou-se como havia sido noticiado, no passado dia 1, o jogo treino entre as equipas do F. C. Amares (Feira-Nova) e do CAT da Hidro Eléctrica do Cávado, (estaleiros de Pisões), que terminou com a vitória da primeira, mas diga-se desde já imerecida, dado o nível que atingiram as duas equipas durante o encontro, que não teve a duração regulamentar pois o árbitro foi obrigado a interromper a partida a 30 minutos do fim, por considerar o terreno impróprio para a prática do futebol.

Para este encontro, as equipas apresentaram a seguinte formação.

F. C. AMARES

Carriço; João Elio e Almeida; Almendra e Agostinho (Fernandes) Martins, Pereira, Victoriano (Lúcio) Fernandes (Victoriano) e Santos.

HICA

Melo; Machado Abel e Baía II; Tavares e Rocha; Marques, Coelho (Raúl) Sarmento, Baía I e Borralheiro.

Massagista—Esteves.

Árbitro do encontro—Manuel Janela.

Foi pena que a chuva torrencial que caiu antes e durante o encontro tivesse prejudicado o espectáculo que apesar do estado lastimoso do terreno ainda correspondeu à expectativa, principalmente durante a primeira parte em que as equipas se mostraram empenhadas em jogar bem, com a bola de uns para os outros, procurando chegar desta forma à baliza antagónica onde criaram vários lances de perigo.

A equipa visitante foi a primeira a marcar aos 8 minutos de jogo. Sarmento recebendo um passe de Tavares, galgou terreno lançando muito bem Marques que escapando a vigilância de Almeida atirou para o canto oposto onde se encontrava Carriço. Este golo deu mais animação ao jogo e não demorou que a equipa da casa lograsse o empate por intermédio de Martins que aproveitou bem um passe de Victoriano atirando para o melhor sitio. Com os grupos em igualdade quer no marcador quer no futebol produzido até então, continuou a partida, parecendo no entanto a equipa da casa assegurar o jogo a meio campo tirando a possibilidade aos

visitantes de construirem as jogadas de trás como aliás vinham fazendo.

Esta satisfação dos donos do campo deu resultado, e não demorou em colocarem-se em vencedores com um golo de Victoriano na marcação de um livre a mais de 30 metros com largas culpas para o guarda-redes visitante.

Ao sofrerem o segundo golo, os forasteiros carregaram novamente sobre a baliza adversária vindo a empatar com um golo de Sarmento com culpas para Carriço que não segurou a bola permitindo a recarga do avançado que foi do F. C. Porto. Este golo, veio todavia, por as coisas no seu devido lugar, pois já antes a Hica mereceu o empate num remate estupendo de Borralheiro salvo por Almeida sobre o risco fatal. Antes do intervalo porém, a equipa da casa voltou a colocar-se em vencedora com um belo tento de Fernandes após uma jogada bem delineada pela avançada local.

Reatada a partida, logo se viu a impossibilidade do terreno pois agora voltava a chover copiosamente, e pouco depois viria a ser suspensa pelo juiz do encontro. Antes porém, o Amares ainda fez um golo por Lúcio (em nítida posição de fora de jogo) que o árbitro validou perante os protestos dos visitantes que na realidade tinham razão. Não podemos culpar o árbitro na validação deste tento, pois a jogada foi rápida e este encontrava-se fora do lance. Ao Fiscal de linha, melhor colocado, caberá sem dúvida a responsabilidade pelos deslizes do árbitro.

Assim terminou o encontro, com a vitória do grupo da casa por 4-2, resultado que no meu entender é bastante pesado para a equipa visitante, que enquanto o terreno esteve menos mau, jogou de igual para igual.

Confessamos sinceramente que gostamos da equipa da Hica. Num terreno seco, esta equipa poderia discutir melhor a partida, pois como é óbvio foi a que mais sentiu as dificuldades da lama.

Pena é, que dadas as possibilidades que possivelmente terão, pois pertencem a uma grande empresa, sem dúvida uma das melhores do país, esta equipa não possa competir em provas corporativas, pois, estamos convencidos, até porque conhecemos bem o valor das outras equipas que disputam

estas provas, que o grupo do CAT da Hica faria boa figura e possivelmente, melhor preparada, poderia discutir a vitória final.

O grupo jogou muito bem, com cabeça, com futebol de bom nível, dando a entender que poderia ir muito longe.

Destacaram-se, num conjunto que primou pelo compaixismo. Coelho enquanto jogou (é pena que este rapaz não treine) Baía I que foi o melhor da equipa apesar de por vezes se agarrear demasiado à bola, Sarmento e Abel.

Na equipa de Amares, Almendra fez um óptimo jogo seguido por Almeida, Elio, Santos, Victoriano, Agostinho e Fernandes. Diga-se no entanto que a equipa agradou a toda a gente deixando a indicação de que poderá vir a fazer uma boa época no campeonato de Braga.

A arbitragem, aparte o malfadado 4 golo que nunca poderia ser golo em parte alguma, esteve bem, julgando bem as faltas, muita atenção ao jogo e procurando e isso é importante, ser imparcial.

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão

Facto inédito em Futebol, no jogo Barreirense-Vitória de Setúbal, cairam as balizas e o jogo ficou decidido

Cingindo-se aos regulamentos, o árbitro do Barreirense-Vitória de Setúbal deu por findo o encontro ao intervalo: o poste de uma baliza não estava firme, por incuria dos «donos» do campo e até porque um dos jogadores dessa equipa, Lança, provocara a sua queda.

Houve os habituais protestos. Mas o árbitro manteve-se irredutível e o facto inédito ficou decidido: o Vitória de Setúbal foi considerado vencedor do jogo, pela marca com que chegara ao intervalo 3-0.

A outra surpresa da jornada foi a resistência oposta pelo Seixal, vindo esta temporada da segunda divisão, aos campeões nacionais, que só na segunda parte conseguiram marcar o golo que lhes daria a vitória por 3-2. Confirma-se, assim que se assiste ao nivelamento geral do valor de todas as equipas que disputam o Campeonato Nacional na Primeira Divisão.

Os outros resultados da Primeira Divisão foram os

seguintes: Sporting, 4 Lusitano, 1; Guimarães, 4-Cuf, 0; Belenenses, 4-L e ixões, 0; Porto, 3-Varzim, 0; Académica, 3-Olhanense, 1.

A classificação actual é a seguinte: Benfica, 6; Sporting, 5; Guimarães, 5; Belenenses, 5; Futebol Clube do Porto, 5; Setúbal, 4; Académica, 4; Leixões, 3; Varzim, 2; Seixal, 2; CUF, 1; Olhanense, 0; Barreir., 0; Lusitano, 0.

Na próxima jornada do Campeonato Nacional de Futebol da primeira divisão, a disputar no dia 10, realizam-se os seguintes jogos: Lusitano-Seixal; Cuf-Sporting; Leixões-Guimarães; Varzim-Belenenses; Setúbal-Porto; Olhanense-Barreirense e Benfica-Académica.

Resultados Normais na Segunda Divisão

Não houve surpresas nos desafios a contar para o Campeonato Nacional da Segunda Divisão.

Os resultados foram os seguintes:

Zona Norte—Marinhense 6-Espinho, 1; Oliveirense, 0-Covilhã, 3; Feirense, 0-Braga, 3; Boavista, 3-Salgueiros, 1; Leça, 1 Beira-Mar, 3; Lusitano, 4-Sanjoanense, 3; Vianense, 1-Famalicão, 0.

Zona Sul—Torriense, 2-Atlético, 1; Lusitano de Vila Real, 2-Oriental, 1; Sacavenense, 1-Montijo, 1; Beja, 1-Peniche, 1; Farense, 2-Luso, 0; Leões, 2-Portimonense, 1; Alhandra, 0-Cova da Piedade, 2.

As classificações são as seguintes:

Zona Norte—Braga, 6; Marinhense, 6; Covilhã, 4; Salgueiros, 4; Vianense, 4; Boavista, 4; Vildemoinhos, Beira Mar, 2; Leça, 2; Feirense, 2; Oliveirense, 2; Espinho, 2; Famalicão, 2; Santarém, 0.

Zona Sul—Peniche, 5; Beja, 4; Leões, 4; Farense, 2-Torriense, 4; Oriental, 3; Montijo, 3; Sacavenense, 2-Atlético, 2; Portimonense, 2-Luso, 2; Alhandra, 2; Lusitano, 2; Cova da Piedade, 1.

REALIZOU-SE A Festa de despedida de CARLOS LIMA

O futebolista do Sporting Carlos Lima teve a sua festa de despedida. No jogo de futebol, que por esse motivo se realizou, o Atlético venceu aquela equipa por 6-2.

Torneio de reservas de Lisboa

com Eusébio — um dos de Wembley na equipa do Benfica

Eusébio, o único futebolista português que há menos de duas semanas alinhou na equipa «do resto do mundo» contra a equipa inglesa, jogou ontem nas reservas do Benfica contra o Torriense, num desafio a contar para o campeonato distrital da Associação de Futebol de Lisboa.

Este encontro serviu de teste para o treinador do Benfica, Lajos Czeizler, avaliar das possibilidades dos seus jogadores no desafio contra o Borussia Bormund para a disputa da Taça dos Campeões Europeus.

Além de Eusébio, alinharam também na reserva do Benfica mais três antigos campeões europeus: Angelo, Coluna e Germano.

O Benfica venceu a equipa adversária por 5-1. Os outros desafios a contar para o mesmo campeonato tiveram os seguintes resultados: Oriental-Sporting, 1-6; Alhandra-Belenenses, 0-2; Sacavenense-Atlético, 2-2.

A classificação, depois

destes jogos, é a seguinte: Sporting, 21; Benfica, 18; Belenenses, 16; Atlético, 14; Oriental, 12; Sacavenense, 12; Torriense, 11; Alhandra, 8.

Ciclismo

Para o Benfica todos os títulos Regionais de Rampa

A terceira e última prova do Campeonato Regional de Rampa, em ciclismo, disputou-se ontem na subida de Cheleiros, na distância de 2.700 metros, entre a ponte do Casalinho e a saída da Murgeira.

O Benfica ganhou as provas nas categorias de independentes, amadores-seniores, iniciados e populares, respectivamente por intermédio de Peixoto Alves, Rogério de Almeida, Manuel Luis e Avelino Santos.

Visado pela Censura